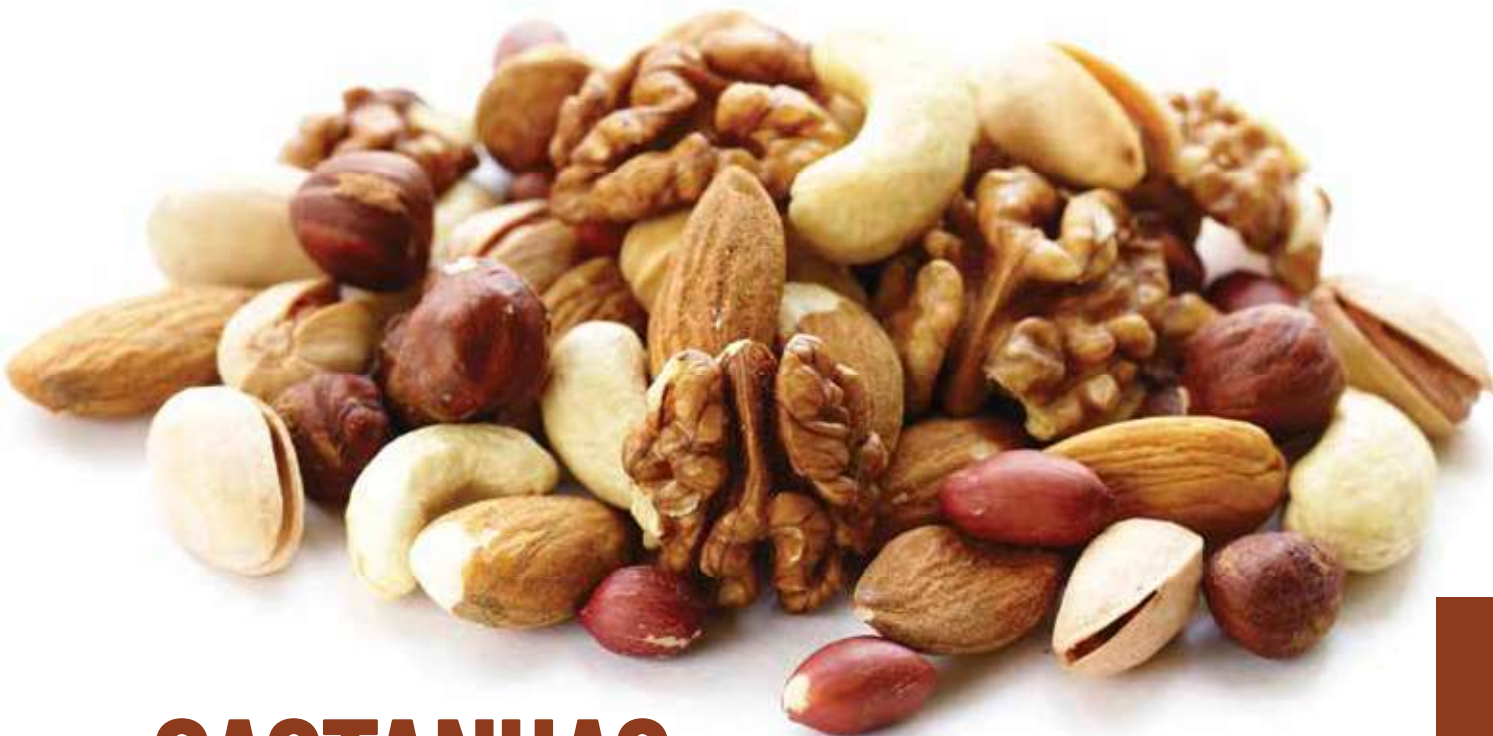


ANUÁRIO HF 2020



**CAMPO &
NEGÓCIOS**



CASTANHAS

AS PEQUENAS GRANDES NOTÁVEIS

A produção mundial de amêndoas subiu de 550 mil toneladas em 2004 para 1,1 milhão de toneladas em 2016, enquanto que, para o mesmo período, a noz europeia passou de 350 mil para 850 mil toneladas, o pistache de 425 mil para 735 mil toneladas, a castanha-de-caju de 544 mil para 754 mil toneladas, a avelã de 325 mil para 397 mil toneladas, a macadâmia de 26 mil para 54 mil toneladas, a castanha-do-brasil de 27 mil para 28 mil toneladas, e a noz-pecã evoluiu de 68 mil toneladas em 2004 para 118 mil toneladas em 2016.

Cabe destacar, nesse cenário, que a noz-pecã ficou em quarto lugar na evolução desse período, em termos de produção, com 74%, ficando atrás da noz-europeia, frutífera com a maior evolução em termos de produção, representando um acréscimo de 142% no período, seguida da produção de amêndoa com 110% (segunda) e macadâmia com 105% (terceira).

As demais frutíferas também apresentaram evolução nos patamares de produção: o pistache com 72%, a castanha-de-caju com 39%, a avelã com 22%, e a castanha-do-brasil com 2%.

Mundo afora

Na Tabela 1 encontram-se os principais países produtores de nozes no mundo, em porcentagem de volume de produção. A produção mundial de amêndoas é liderada pelos Estados Unidos, com aproximadamente 77% da produção, seguidos da Espanha e Austrália. Esses três países concentram mais de 90% da produção de amêndoas no mundo.

A noz-europeia é produzida principalmente nos

Estados Unidos e China que, juntos, detêm mais de 66% do mercado mundial, com destaque para América do Sul e Chile, estes que já figuram entre os principais países produtores.

A produção mundial de pistache está concentrada principalmente no Irã, Estados Unidos e Turquia que, conjuntamente, detêm mais 90% da produção mundial. A castanha-de-caju é produzida principalmente na Nigéria, Índia e Vietnã, com mais de 80% da produção.

A produção mundial de avelã está concentrada basicamente na Turquia (70%) e Itália (12%). A Austrália (29%), África do Sul (28%), Quênia (19%), juntamente com Estados Unidos (8%), correspondem a mais de 80% da produção mundial de macadâmia. Com relação à castanha-do-brasil, existe um predomínio da Bolívia, com mais 70% da produção, seguida do Brasil e Peru, que praticamente dominam o cenário mundial.

Noz-pecã

O cultivo da noqueira-pecã compreende as regiões sul e sudeste, entretanto, sua produção concentra-se principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Atualmente, estima-se que haja próximo de oito mil hectares de noqueira-pecã no Brasil, havendo relatos de áreas com noqueira-pecã em Estados como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul.

O destaque no cultivo, produção de mudas e agroindustrialização ocorre no Estado do Rio Gran-

de do Sul, maior produtor de noz-pecã do País, com mais de cinco mil hectares plantados, seguido por Santa Catarina e Paraná.

Nessas regiões, a cultura da noqueira-pecã vem sendo cultivada em sua maioria por agricultores de base familiar que, em média, possuem propriedades que variam de um a 15 ha. É cultivada predominantemente em monocultivo, com algumas culturas de forma complementar, como tabaco, arroz, soja, milho, feijão, mandioca e/ou em sistemas silvipastoris para produção de leite e carne.

Atualmente, no RS, a noqueira-pecã está sendo cultivada comercialmente em mais de 148 municípios, cerca de 30% do Estado, com uma área que se aproxima dos cinco mil hectares, envolvendo mais de mil produtores.

Apesar dessa frutífera estar sendo cultivada em vários municípios do Estado, destacam-se, pioneiramente, os municípios de Anta Gorda e Cachoeira do Sul como maiores produtores, seguidos de municípios da região centro-sul, como Santa Maria, Minas do Leão, Sentinela do Sul, Canguçu, Rio Pardo e General Câmara.

Estima-se que haja mais de 60 cultivares sendo manejadas nos pomares brasileiros, sendo destacadas 27 cultivares nos diferentes polos produtivos (Tabela 1). A principal cultivar plantada é a Barton, seguida da Melhorada, Imperial, Importada, Jackson e Shawnee.

Todos os viveiristas cadastrados no Pró-pecã produzem mudas de Barton. Além disso, é uma cultivar com boa tolerância à sarna (*Venturia effusa*), principal doença da cultura, justificando sua preferência pelos produtores brasileiros

Safra boa e valorização do fruto

Houve excelente safra no ano de 2019, superando a safra passada, de 2.000 toneladas, graças ao aumento do número de frio, pouca chuva durante o



TABELA 1. RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DE NOZES (FRUTOS SECOS) NO MUNDO, PELO VOLUME DE PRODUÇÃO (ton)

Posição	Amêndoas	Noz europeia	Pistache	Castanha-de-caju	Avelã	Macadâmia	Castanha-do-Brasil
1ª	EUA	China	Irã	Nigéria	Turquia	Austrália	Bolívia
2ª	Espanha	EUA	EUA	Índia	Itália	África do Sul	Brasil
3ª	Austrália	Irã	Turquia	Costa do Marfim	Geórgia	Quênia	Peru
4ª	Irã	Turquia	China	Vietnã	EUA	EUA	Costa do Marfim
5ª	Marrocos	México	Síria	Benin	Azerbaijão	Malawi	Gâmbia
6ª	Itália	Ucrânia	Grécia	Filipinas	China	Guatemala	-
7ª	Turquia	Chile	Itália	Guiné-Bissau	Irã	China	-
8ª	Tunísia	Uzbequistão	Afeganistão	Indonésia	Espanha	Brasil	-
9ª	Argélia	Índia	Tunísia	Tanzânia	França	-	-
10ª	China	França	Espanha	Brasil	Chile	-	-

Fonte: Adaptado da FAO (2017)



florescimento e alternância de produção, que no ano de 2019 foi favorável à produção.

No Brasil, o interesse por essa frutífera vem crescendo acentuadamente, principalmente na região sul, que é favorecida pelas condições climáticas e tem despertado o interesse dos produtores em cultivar, produzir e comercializar a noz-pecã, baseado, essencialmente, no consumo e na boa valorização do preço pago pelo fruto.

Um dos grandes incentivos ao cultivo da nozeira-pecã é o valor proporcionado aos produtores. Apesar do valor médio do quilo de noz-pecã com casca em reais apresentar uma flutuação nos últimos anos, o valor da noz-pecã em dólares tem se mantido numa constância de aproximadamente US\$ 4/kg.

A ordem de importações oscilou em torno dos três mil a cinco mil toneladas de nozes no período de 2005 a 2016, enquanto que as exportações não ultra-

passaram as 1.000 toneladas no mesmo período, indicando uma produção brasileira deficitária. **UF**

Autoria:

Carlos Roberto Martins

carlos.r.martins@embrapa.br

José Maria Filippini Alba

Pesquisadores da Embrapa Clima Temperado

Rudinei De Marco

Doutorandos em Agronomia - Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Jonas Janner Hamann

Doutorando em Agronomia - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Roseli de Mello Farias

Professora - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

Marcelo Barbosa Malgarim

Professor - Universidade Federal de Pelotas (UFPel)